

O CAMPO, A CIDADE E UMA FELICIDADE INALCANÇADA: UMA LEITURA DE *A CIDADE SITIADA* DE CLARICE LISPECTOR

COUNTRY, CITY AND A WANTED SATISFACTION: A READING OF *A CIDADE SITIADA* FROM CLARICE LISPECTOR

Ewerton de Freitas Ignácio¹

Resumo: Este trabalho tem por finalidade verificar por quais modos se dá a relação entre campo e cidade em *A cidade sitiada* (1949), de Clarice Lispector, bem como averiguar a maneira por meio da qual esse relacionamento é assimilado pela protagonista, que transita pelos espaços campestre e urbano durante seu processo de busca, seja de sua individualidade almejada, seja na tentativa de se adequar a contextos de vida que, supostamente, lhe trariam menos insatisfação.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Literatura e experiência urbana. Romance. Campo.

Abstract: This study aims to verify the relation between the country and the city in *A cidade sitiada* by Clarice Lispector (1949), and also to study the way this relationship is assimilated by the protagonist, who goes along the spaces: countryside and urban, during her searching process, being for her wanted private or in the trial to adapt herself to contexts of life that, supposing, would bring less insatisfaction.

Keywords: Clarice Lispector, literature and urban experience, romance, country.

Introdução

A alusão ao campo e à cidade, na obra romanesca de Clarice Lispector, evidencia-se desde a publicação de *O lustre* (1946), passando por *A cidade sitiada* (1949), *A maçã no escuro* (1961) e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969).

Embora só um estudo mais acurado possa aludir, de modo profundo, ao modo como se constroem as relações entre a configuração do espaço urbano e do campestre na massa verbal de tais narrativas, de um modo geral pode-se afirmar que, se por um lado tanto um como outro podem

¹ Doutor em Literatura Brasileira pela UNESP de São José do Rio Preto, Mestre em Literatura Brasileira pela UNESP de Assis, Professor de Literatura Brasileira na UEG de Anápolis. E-mail: ewertondefreitas@uol.com.br

constituir espaços de opressão do indivíduo, por outro lado o retrato do campo parece comportar elementos que, de uma forma ou de outra, com exceção de *O lustre*, sinalizam força e esperança.

Desse modo, Lóri, de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, tinha a força de uma moça que tivera contato com o campo. Já Virgínia, protagonista de *O lustre*, embora depare com a mesma insatisfação que sentia na cidade também em Granja Quieta, retorna, antes de morrer, às terras da família como se buscasse um certo aconchego, um isolamento bucólico que, em definitivo, não lhe traz aprazimento.

Se é verdade que Martim, de *A maçã no escuro*, depara com a incompreensão e a consequente denúncia de seu crime em meio ao cenário campestre para o qual fugira, também é verdadeira a afirmação de que é justamente em tal cenário que ele realiza um tipo de ascese, uma descoberta de si mesmo e do entorno.

Em *A cidade sitiada*, o campo surge apenas como menção, muito embora a área verde que circunde a pequena cidade de São Geraldo comporte elementos bucólicos com cuja configuração a protagonista, Lucrecia Neves, desde o princípio da narrativa se identifica. O que difere essa obra das demais é que, das quatro, é a única em que a personagem sai, de mudança, de um cenário citadino para um campestre.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar a maneira como campo e cidade se relacionam, no contexto narrativo de *A cidade sitiada*, bem como esse relacionamento é assimilado pela protagonista, que transita pelos espaço urbano e rural durante seu processo de busca, seja por uma vida melhor, seja por um espaço em que seria vista como um sujeito atuante, e não apenas como mais um na massa anônima de um cenário urbano desenvolvido, modernizado.

1 A cidade e *A cidade sitiada*

A cidade sitiada apresenta enredo simples que acaba por se refletir na simplicidade da técnica narrativa. Narrado em terceira pessoa e estruturalmente dividido em doze capítulos, o livro é construído por frases curtas e segue uma linearidade temporal em relação aos fatos narrados.

Ambientado na década de 20 do século passado, tem-se, nesse romance, a história de Lucrecia Neves, moça casadoira que busca no matrimônio a fuga da monotonia da vida que leva no subúrbio de São Geraldo, onde mora com a mãe. Casa-se e sua mãe muda-se para um sítio. Após ter morado num hotel de uma grande cidade, volta com o marido para São Geraldo, onde ele morre. Descontente com o novo modo de vida de São Geraldo, que, graças a um vertiginoso processo de modernização, há muito deixara de ser o subúrbio por cujas ruas e arrabaldes ela passeava, ao receber uma carta da mãe, que lhe falava de um provável futuro marido, decide vender o sobrado – único liame que ainda a prende à recente cidade – e muda-se apressadamente para o sítio.

Acerca das interpretações que se erigiram em torno dessa obra, constata-se que, mesmo tendo decorrido vinte e dois anos de sua publicação, a crítica especializada ainda não havia descoberto os “motivos maiores” (PONTIERI, 2001) que conduziram Lispector à sua escrita.

Tal fato fez com que a autora, em “Carta atrasada” (1971), traçasse algumas considerações sobre o romance – que ela mesma considerava “denso”, “fechado” –, que podem iluminar a leitura que dele se fizer. Nesse sentido, afirma que “Uma das mais intensas aspirações do espírito é a de dominar pelo espírito a realidade exterior. Lucrecia não o consegue – então ‘adere’ a essa realidade, toma como vida sua a vida mais ampla do mundo”. (1971, p. 16)

E é o que se tem nas páginas de *A cidade sitiada*: uma constante tentativa, por parte da protagonista, de aderir – principalmente pelo olhar – à realidade que a circunda, já que compreender tal realidade lhe era impossível, uma vez que não tinha consciência de si e, nos raros momentos em que se via, “via como um bicho veria uma casa: nenhum pensamento ultrapassando a casa” (p. 83)².

Se por um lado a “mocinha de São Geraldo” – a expressão é de Benedito Nunes (1995, p. 27) – assemelha-se a um bicho³, no sentido de não ter consciência de si mesma, por outro lado “O que não se sabe pensar, se vê!” (p. 105) e, desse modo, Lucrecia entrega-se ao ato de ver a cidade; de, por meio de seu olhar, identificar-se com o cenário urbano à sua volta, moldando-se a ele, vendo e sendo vista – eis seu prazer – ao deambular pelas ruas e arrabaldes do subúrbio com o qual tanto se identificava.

Lewis Mumford, em seu clássico *A cidade na história* (2004), espousa a ideia de que as mulheres foram as fundadoras das cidades, na medida em que prestavam culto aos seus mortos em lugares aos quais, a despeito do nomadismo, sempre retornavam, e também buscavam por ambientes seguros para darem à luz, ao passo que a conduta dos homens pautou-se mais pelo expansionismo, e não agregação, fixação espaciais.

Nessa perspectiva, não parece gratuito o fato de a criadora de *A cidade sitiada* relacionar a modernização de um subúrbio a mudanças que se processam no íntimo de uma mulher cujo objetivo maior é o de encontrar um lugar em que se sinta segura, ainda que isso permaneça nas entrelinhas da obra.

Segundo Arnaldo Franco Junior, existe “entre a heroína do romance e o subúrbio em transformação em que ela vive uma intensa especularidade” (2000, p. 116).

Nesse sentido é que, sendo chamada de patriota pela mãe, a moça se incomoda ao perceber, no comportamento de Tenente Felipe, um de seus pretendentes, a indisfarçável manifestação de um sentimento de menosprezo em relação ao modo de vida provinciano de São Geraldo. Criticando o subúrbio, ele criticava, ainda que sem perceber, a moça ao seu lado, com cujo subúrbio se identificava

² Todas as citações de *A cidade sitiada*, neste trabalho, reportar-se-ão à primeira edição publicada pela Rocco, em 1998, e, para facilitar, indicaremos apenas o número da página ao fim das referidas citações.

³ Ressalte-se, neste aspecto, o tratamento que a instância narrativa dispensa em relação à caracterização de Lucrecia Neves ao se referir a partes de seu corpo: são seus “cascos” (p. 39), suas “patas” (p. 58), suas “ferraduras” (p.40).

a ponto de não se reconhecer a si mesma ao deparar com a praça de sua cidadela “nua” e “irreconhecível ao luar” (p. 13).

O bairrismo de Lucrecia, no entanto, não é unilateral. Se em seu peito cabe um inegável apego por seu subúrbio, o que se traduz na relação de identificação que com ele estabelece, cabe igualmente o desejo de, pela possibilidade aberta pelo casamento, poder ver-se livre do tédio e da monotonia desse mesmo subúrbio, onde nem os bailes que ela tanto desejava havia.

2 Entre o subúrbio e o campo

Havia os passeios. Os constantes passeios da protagonista pelos lugares – públicos e recônditos – de seu pequeno São Geraldo: evidenciam a atitude de uma moça que, além de necessitar ver e ser vista, almejava ver-se livre do tédio e da monotonia que envolviam sua pacata existência. Paradoxalmente, esses são os motivos que a fazem querer sair de tal lugar e que a fazem para lá retornar, quando se cansar de viver, depois de casada, imersa no *modus vivendi* da cidade grande.

O tipo de *flânerie* (BENJAMIN, 1991) a que a personagem se entrega é, desde o advento da modernidade, algo caracteristicamente urbano, pois é, evidentemente, por intermédio do deslocamento espacial que o indivíduo percorre os locais urbanos.

Ainda nesse aspecto, conforme a concepção expressa por Louis Wirth (1979) em “Urbanismo como modo de vida”, o sujeito urbano é tipicamente nômade, posto que está sempre em trânsito pelos lugares citadinos.

No que respeita ao comportamento da heroína de *A cidade sitiada*, pode-se afirmar que estamos diante de uma caminheira contumaz, na medida em que ela, como já se mencionou, fazia imenso gosto em deambular, fosse pelas ruas do subúrbio, fosse por seus arrabaldes. Ressalte-se, nesse sentido, que mesmo quando passou uma temporada numa ilha, para fins de tratamento médico, ela não deixou de lado a cotidiana execução de seus passeios.

No começo da narrativa, pode-se verificar que tais passeios deixam-se pautar por um tipo de deslocamento em que, se há desejo de fuga da insipidez que entrevê em seu dia-a-dia, há igualmente a vontade de (re)conhecer o subúrbio cuja modernização é análoga às transformações que se processam em seu interior e também de, por meio de tais andanças, entregar-se a tarefas que tanto lhe apraziam: ver e ser vista, como se afirmou anteriormente, e flertar com Tenente Felipe e com Perseu Maria.

A personagem que adorava ser alvo de olhares alheios: se estudava poses, gestos e expressões faciais diante do espelho, com o intuito de melhor se apresentar aos olhares dos outros, usava igualmente “pulseiras e miçangas” com as quais “parecia uma vítima” (p. 42). Vítima de sua exacerbada vaidade. Escrava de si mesma. Afinal, estava no subúrbio para ver e ser vista – e quem sabe arranjar um bom casamento.

Nesse sentido, num momento em que esteve sobre o morro, de onde se podia ter uma visão privilegiada do subúrbio, ela

... desvairava um pouco, sonhava em andar sozinha com um cão e ser vista sobre o morro: como o postal de uma cidade. Lucrecia Neves precisava de inúmeras coisas: de uma saia quadriculada e de um pequeno chapéu da mesma fazenda; há tanto tempo precisa se sentir como os outros a veriam de saia e chapéu quadriculados, a cintura bem nos quadris e uma flor na cintura: assim vestida ela olharia o subúrbio e este se transformaria. Com um cachorro. Era deste modo que se compunha uma visão. A moça não tinha imaginação mas uma atenta realidade das coisas que a tornava quase sonâmbula... (p. 44).

Estar em evidência. E, mesmo sem a “saia quadriculada”, a moça realizava seu intento. Com seus penduricalhos e suas faces excessivamente maquiadas, “ela gostava muito de se mostrar” (p. 47), o que fazia com que surgissem exclamações escandalizadas entre os vizinhos.

E ela dava continuidade aos seus passeios, pois logo

... na segunda-feira a moça procurava o outro passeio de S. Geraldo: o riacho. Atravessava a Cancela e os trilhos, descia depressa o declive espiando os pés. Por um instante imobilizada parecia refletir profundamente. Embora não pensasse em nada. E de súbito, irrimável, seguia o rumo contrário – subia o morro do pasto, cansada com a própria insistência. À medida em que se subia divisavam-se à esquerda um trecho arruinado do subúrbio, os sobrados enegrecidos... Nada se via adiante senão a mesma linha ascendente que se estabeleceria enfim no morro. (p. 26).

Regina Pontieri observa que, em *A cidade sitiada*, “as personagens se destacam mais como corpos do que com consciências; como objetos do mundo visível, mais do que como sujeitos” (2001, p. 112).

Nesse aspecto constata-se, pela leitura do trecho acima, que a personagem não passeava a fim de meditar ou mesmo de “refletir” sobre si mesma ou sobre a vida que levava. Para ela, o ato de passear constituía um fim em si mesmo, e a efêmera aparência de alguém que, estaticamente, pensava, conforma a sugestão de mais uma fina ironia do narrador ao descrever a pose que Lucrecia Neves, momentaneamente, imprime a si mesma.

Há, não obstante, a explicitação de seu gosto por caminhadas que, se não eram de todo bucólicas, ao menos eram feitas em lugares dos quais o urbano, com todos os elementos nele imbricados, encontrava-se ainda um pouco distante. Trata-se de localidades, portanto, mais campestres do que urbanas.

Observe-se, ainda nesse aspecto, que, mesmo que de modo não explícito, existe uma certa tensão entre os espaços – campo e subúrbio/cidade – em *A cidade sitiada*, sendo Efigênia e Lucrecia as personagens que, de modo também não explícito, mais são atingidas pelos efeitos de tal tensão: esta começou por se sobressaltar e, depois, enojada com a nova realidade que se fazia notar na cidade que um dia fora seu subúrbio, e que, de certo modo, acabara por devorar o campo que a circunscrevia,

fugiu para o sítio; ao passo que aquela, desde o início da narrativa, conserva-se distante da agitação urbana, metaforizada pela instância narrativa na expressão “pecado nascente”. (p. 19).

Benedito Nunes aponta, na leitura que realiza desse romance, o caráter de representação inerente ao contexto narrativo do livro. Entendendo-o como uma “alegoria”, o estudioso afirma que, nessa obra, “A pantomima substitui os gestos, a pose suprime a atitude, a caricatura, o retrato...” (1995, p. 35).

Ainda em relação aos inúmeros passeios da heroína, verifica-se que ela não traçava previamente os rumos das voltas que dava, na medida em que tomava, repentinamente, outra direção. Deixava-se guiar, nesse sentido, por um tipo de automatismo que acabava por dirigir-lhe os passos, fato que corrobora a configuração de uma personagem incapaz de raciocínio e que, conseqüentemente, mais agia e olhava do que pensava, como já se observou.

E assim a moça continuou, até subir ao morro, onde, apesar da altura, o ar

Era tempestuoso e, às vezes inconstante, arrastava com violência um papel ou uma folha. As latas e as moscas não chegavam a povoar o descampado. A essa hora do dia pisavam-se ervas ardentes e não se subjugaria com o olhar a aridez e o vento do planalto – uma onda de poeira se erguendo ao galope de um cavalo imaginário. A moça esperava paciente. Que espécie de verossimilhança viera procurar no morro? Ela espiava. Até que o cair da tarde fosse acordando a piscante umidade que o entardecer levita no campo. E a possibilidade de rumor que a escuridão favorece. (p. 26-27).

A despeito do caráter árido e de certa forma hostil que o ato descritivo do narrador imprime a esse lugar, cuja ventania e secura climática nem sequer se deixam submeter pelo “olhar”, a protagonista, pacientemente, “espera”. A inquirição que o narrador faz, acerca do que ela fora buscar no topo da colina, permanece sem resposta. Talvez porque – note-se que tal pergunta parece ser de ordem retórica – a heroína do romance não estivesse, a rigor, procurando por algo específico ou mesmo por algo genérico, mas tão somente espiando, tentando (re)construir, do alto, para si mesma, toda a realidade que seu olhar abrangia e contemplava.

Esse passeio campesino parece conter em si o germe do desejo que tomou conta de Lucrecia ao final da narrativa, quando ela, em verdadeira fuga, mudou-se da cidade para o campo. Embora de uma maneira não nítida, e nem consciente para a moça, parecia já flutuar, em seu interior, um vago anseio por estar em locais menos povoados, em ambientes semi-rurais em que, para o olhar, o horizonte seria o limite.

Isso torna-se mais perceptível quando se tem em mente que, à noite, ela apurava a audição para melhor constatar o ruído provocado pelo galopar dos cavalos no morro. E nesse instante noturno, se porventura olhasse da “calçada deserta (...) veria as coisas como um cavalo. Porque não havia tempo a perder: mesmo de noite a cidade trabalhava” (p. 27). É como se tanto a moça quanto os

cavalos, em suas afoitas cavalgadas, pressentissem o perigo que lhes representava o vertiginoso crescimento do subúrbio.

Numa mesma tarde, a moça passeou com o belo Perseu e, depois, sem que um soubesse da existência do outro, com o arrogante Tenente Felipe. Se por um lado esse fato permite que se taxe a personagem como namoradeira, por outro há que se levar em conta que, no íntimo dela, havia um desejo de “proteger com o amor de um homem a debilidade de sua figura” (p. 47).

Enquanto, acompanhada de Perseu, a protagonista perambulava pelas ruas do referido subúrbio,

Baratas velhas emergiam dos esgotos. Dos subsolos os celeiros sufocavam as ruas com o cheiro de cascas podres. (...) A Rua do Mercado ainda cheirava ao peixe vendido pela manhã, nos fios d’água correndo para o esgoto boiavam escamas e algum cravo mole. (p. 42-43).

Apesar de o narrador não expressar nenhum juízo de valor, limitando-se a inventariar e a descrever os locais pelos quais eles passam, à medida que eles vão se afastando do bulício do subúrbio, vão deixando o ar fétido e os esgotos, com suas baratas para trás, até atravessarem a ferrovia, onde “o bairro se tornava mais espalhado; já se viam mesmo poucas coisas. E em breve eles passeavam sob os fios do telégrafo. O ar estava puro e raso...” (p. 43).

Embora de forma não de todo aparente, pode-se notar a contraposição entre o ar da cidade e a atmosfera mais límpida e pura de um local mais próximo do campo.

Raquel Rolnik afirma que, por volta de 1500, em Veneza, Florença e Nápoles, cidades para onde afluía grande quantidade de pessoas interessadas em ser aprendizes de artistas, apregoava-se um ditado segundo o qual “o ar da cidade liberta” (2004, p. 30). Para pessoas coetâneas do século XX – época em que se ambienta a existência textual de Lucrecia e Perseu – não se pode afirmar o mesmo; precisamente, em *A cidade sitiada*, o ar da cidade, quanto maior ela se torna, mais passa a sufocar e a oprimir essas duas personagens que, não por acaso, dela desertam ao final da narrativa.

Quando a moça passeara, pelos mesmos lugares, com Tenente Felipe, o retrato desse ambiente campestre constituiu-se por meros apontamentos narrativos: eram simplesmente o “riacho”, que o militar denominava simplesmente de “água, as “pedras”, sem quaisquer qualificativos. É como se esse espaço – conquanto agradável a Lucrecia – ganhasse algo do caráter insulso do Tenente.

E ela, que “o desejara porque ele era um forasteiro, (...) o odiava porque ele era um forasteiro” (p.60), ou seja, apesar de ter vindo de outro lugar – talvez uma cidade maior –, e apesar também da farda que usava, da qual a moça tanto gostava, os ambientes aos quais ela o levou, além de não lhe serem familiares, foram por ele vislumbrados com visível arrogância e senso de superioridade.

Se por um lado é verdade que tais passeios espelham uma certa inquietação por parte da protagonista, por outro não é menos verdade que esse desassossego constitui a atmosfera que já pairava sobre a existência dos moradores de São Geraldo como um todo, na medida em que

Ao pôr-do-sol galos invisíveis ainda cocoricavam. E misturando-se ainda à poeira metálica das fábricas o cheiro das vacas nutria o entardecer. Mas de noite, com as ruas subitamente desertas, já se respirava o silêncio com desassossego, como numa cidade; e nos andares piscando de luz todos pareciam estar sentados. As noites cheiravam a estrume e eram frescas. Às vezes chovia (p. 16).

Há, no trecho acima, o que se pode chamar de elementos de transição entre o subúrbio, com aspectos remanescentes do campo de que ele se origina, e a cidade, para cuja constituição, a passos largos, se encaminha. Assim é que, ao crepúsculo, o cocoricar de galos, conquanto imperceptíveis aos olhos, se faz ouvir de mistura com o odor de vacas e o vislumbre da poluição das fábricas.

Ressalte-se, ainda, que, a despeito do silêncio que tomava conta do lugar à noite, o que nos remeteria à calma de que os grandes aglomerados urbanos são destituídos, já se sentia a atmosfera de uma inquietação intrínseca ao modo de vida dos moradores das grandes cidades que, paulatinamente, vai se incorporando ao viver dos habitantes de São Geraldo.

Não obstante esse fato, ainda se verifica a presença de elementos que podem balizar com certa precisão os espaços urbano e campestre, pois “Apesar do progresso o subúrbio conservava lugares quase desertos, já em fronteira com o campo. Esses lugares em breve tomaram o nome de ‘passeios’” (p. 19).

Henri Lefebvre, em seu *A revolução urbana*, afirma que, na geografia das cidades, sempre existe uma planejada reunião do espontâneo e do artificial, da natureza e da cultura, do naturalmente verde e do cimento e do concreto:

Não existe cidade, nem espaço urbano, sem jardim, sem parque, sem simulação da natureza, sem labirintos, sem evocação do oceano ou da floresta, sem árvores torturadas até tomarem formas estranhas, humanas e inumanas (...) Tais espaços seriam o lugar de uma correspondência unilateral, ou quase, entre a cidade e o campo? (2004, p. 35).

Esse intercâmbio entre espaço natural e espaço urbano, fruto do esforço humano no sentido de promover uma aproximação da cidade, com seus prédios e seus calçamentos com a natureza, não é, ainda, o que se verifica em São Geraldo: tem-se, nesse subúrbio, um processo de crescimento por meio do qual, gradativamente, as casas vão imiscuindo-se no espaço verde do campo. Não se trata de “correspondência” entre espaço urbano e campo, e sim de “invasão”, para nos atermos à expressão do próprio narrador do romance.

Ainda em relação a esse aspecto, constata-se que a manifestação do espaço campestre surge, no trecho romanescos acima transcrito, por meio de um processo narrativo que delimita a fronteira entre o subúrbio e o campo, cujos extremos ainda se podem notar com nitidez.

Desse modo, não se trata, por enquanto, daquilo de que nos fala Ítalo Calvino em seu fantástico *As cidades invisíveis* (1990), ao se referir às “cidades contínuas”, que seriam cidades que se expandem, indiscriminadamente, em todas as direções, erigindo-se sobre vales e prados; lugares que, num passado recente ou remoto, constituíam áreas campestres.

Diante desse processo de crescente modernização e conseqüente crescimento urbano, a instância narrativa de *A cidade sitiada* não fica de todo imparcial, uma vez que, ao citar o fato de existirem pessoas contrárias a tais mudanças, associa a configuração da cidadela que se “metropoliza” à imagem do “pecado”:

E também havia pessoas que, invisíveis na vida passada, ganhavam agora certa importância apenas por se recusarem à nova era. A velha Efigênia morava a uma hora de macha além da Cancela. Quando lhe morrera o marido continuara a manter o pequeno curral, não querendo misturar-se ao *pecado nascente...* (p. 19 – grifos meus).

Pecado implica a noção de vício, maldade, transgressão. Seriam esses vocábulos prerrogativas exclusivas do *modus vivendi* dos habitantes das grandes cidades? Talvez não com exclusividade, embora nos vastos centros urbanos os indivíduos sejam bombardeados por um excesso de “estímulos psíquicos” (SIMMEL, 1903, p. 546) que os conduzem a uma reação fria, não-emocional diante dos demais sujeitos; o que, se por um lado evidencia uma atitude de auto-defesa perante os propalados perigos da vida urbana, por outro gera indiferença e impassibilidade em relação às necessidades alheias.

Nesse sentido, poder-se-ia entender “pecado” como a indiferença recíproca que os habitantes da metrópole manifestam entre si, o que, no entender de Georg Simmel (1903), vale lembrar, é fruto de uma necessidade de auto-preservação do indivíduo urbano frente à multifacetada realidade que o circunda.

Considerando que a atitude de indiferença acaba por, de certa maneira, anular o indivíduo, dissolvendo-o na mesma massa anônima, é que alguns antigos moradores, como Efigênia, preferem manter uma certa individualidade e distanciar-se da grande cidade em que, rapidamente, São Geraldo se plasmava.

Tratando ainda do surgimento dos vocábulos cidade e campo no contexto narrativo de *A cidade sitiada*, e do que isso implica, constata-se que, ao dormir, Lucrecia Neves sonha com “os cascalhos do riacho” numa época “anterior mesmo aos primeiros cavalos. Mas era bonito (...) o campo era bonito!” (p. 89). Mesmo no sonho, a imagem campestre apraz os sentidos da protagonista.

Interessante notar, nessa perspectiva, que de certa forma sua origem parece justificar esse fato: além de ser natural do subúrbio de São Geraldo, uma localidade em que é maciça a presença de

elementos ligados à idéia de campo, sua mãe é oriunda da roça, pois “saíra da fazenda até encontrar marido” (p. 65).

Interessante observar que o percurso da filha inverte a trajetória realizada por Ana: se esta saíra da fazenda para se casar, depois de viúva Lucrecia sai da cidade em direção ao campo justamente por entrever, por meio dessa mudança, a possibilidade de esposar o segundo pretendente.

Para muitos leitores, a repentina ida – verdadeira fuga – da protagonista em direção ao sítio pode soar um tanto desprovida de lógica. Não soará dessa maneira, no entanto, caso se leve em consideração que, como busquei evidenciar, em certo sentido sempre houve, no íntimo da heroína, um gosto por locais bucólicos, uma certa admiração pelas belezas do campo.

Em relação ao enquadramento ficcional dos espaços sub/urbano e campestre em *A cidade sitiada*, Olga de Sá afirma que

São Geraldo, campo/cidade, acumula os semas desses espaços antagônicos, fronteiros e, simultaneamente, mesclados, delineados por verbos, substantivos e adjetivos que a Autora cuidadosamente seleciona e manipula (1993, p. 40).

Crescendo nesse lugar e vivendo, portanto, na área fronteira entre uma forma urbana e uma rural, a heroína está mais vinculada e esta última, o que se evidencia tanto pelo seu já mencionado gosto por lugares bucólicos quanto por sua aversão – embora uma fascinação preceda tal aversão – a locais densamente povoados, que sofreram a ação modernizadora do homem.

Desse modo é que, ao se casar com Mateus Correia e mudar-se para uma cidade grande, ela partiu muito contente, pois queria “ser rica, possuir coisas e subir de ambiente” (p.119).

O desencanto da protagonista com seu *modus vivendi* no contexto urbano da metrópole foi lento, mas irreversível, até chegar em um momento em que a grande cidade – com sua multidão, suas máquinas proliferantes, suas inúmeras mulheres bem vestidas –, conformando e sendo conformada por um ambiente em constante e irrefreável transformação, passou a configurar uma realidade à qual Lucrecia Neves, a despeito de seu desejo inicial de integração, viu-se francamente impossibilitada de se aderir.

Segundo Nadia B. Gotlib, a protagonista de *A cidade sitiada* “vai testando diferentes experiências de vida” (1995, p. 263): a experiência do viver na grande cidade é mais uma que, em definitivo, não deu certo.

3 Destruição/construção: a transformação de São Geraldo em cidade grande

Quando se cansa de viver na cidade grande, Lucrecia Neves decide voltar para São Geraldo. Mas novamente se decepciona: seu antigo subúrbio não era mais o mesmo, na medida em que se encontrava imerso em um acelerado processo de modernização. No momento em que retorna, a

primeira impressão que ela pareceu ter foi a de um barulho que não lhe era, naquele lugar, habitual. E então choveu subitamente, num tipo de prenúncio da decepção que, também ali, a aguardava: São Geraldo já era uma cidade.

Saltando do táxi, ela olhou um S. Geraldo – ruidoso? As pessoas rindo afrontosas. A dissonância de uma roda.
E inesperadamente a chuva caindo sobre a cidade agora já desconhecida, umedecendo-a em cinzas e tristezas... (p. 134).

Em outra ocasião a chuva surge, também, associada às irreversíveis transformações pelas quais o subúrbio passou: “Como se transformara o subúrbio! O suor da noite quente colava roupas ao corpo, o perfume exaltado de farinha erguia-se até o nariz: tudo esperava chuva” (p. 137). E, “Vista do alto de uma janela, a cidade era um perigo. Carros deslizavam nágua e de súbito mudavam a direção, não se sabia por quê. S. Geraldo perdera os motivos e agora funcionava sozinho” (p. 138).

É com esse cenário que a heroína se deparou ao retornar para o subúrbio que, neste ínterim, graças ao crescimento provocado pela modernização, já vive a realidade inexorável de uma grande cidade.

Apesar disso, a protagonista, a exemplo do que aconteceu logo que se mudara para a metrópole, tenta, por meio de uma deliberada ilusão, compactuar com o novo ritmo de vida que os tempos modernos imprimiram a São Geraldo, de modo a entrever, nessa inusitada rotina, motivos de satisfação pessoal: “Ah, se Ana visse como S. Geraldo progredia! Já então Lucrecia tentava gostar daquelas mudanças, com medo de perder pé na cidade e de não alcançá-la mais” (p. 139).

Não obstante, esse processo modernizador que, de modo implacável, se processava em São Geraldo, trazia também algum questionamento, pois Lucrécia Neves, sobre si mesma, notava que

... não estava mais no ponto nascente, ela perdera a antiga imporância e seu lugar inalienável no subúrbio. Havia mesmo planos de construção de um viaduto que ligaria o morro à cidade baixa... Os terrenos do morro já começavam a se vender para futuras residências: para onde iriam os cavalos? (p. 144).

No momento em que as máquinas chegaram em São Geraldo, iniciando um processo de tácita expulsão dos antigos cavalos, ela, agregando-se a mais essa realidade, termina por reconhecer que contribuirá para tal “progresso”, o que não significa afirmar, entretanto, que haja uma identificação com tal contexto, do qual, inclusive, acabaria por fugir.

Sandra Jatahy Pesavento assevera que “Há, na visualização do urbano, uma reorientação da relação passado/presente, o que faz com que a carga de positividade aponte em direção àquilo que ficou para trás” (2002, p. 303).

Embora a instância narrativa não circunstancie nenhum sentimento nostálgico por parte da protagonista, não deixa de registrar o pesar com que olha a evolução de seu antigo subúrbio, quando “... saía sozinha, gozando o tráfego da cidade com sofrimento...” (p. 148).

Ao tecer comentários sobre o processo de modernização do subúrbio, Lewis Mumford assevera que “Logo que o automóvel se tornou comum, desapareceu a escala pedestre do subúrbio, e com ela, a maior parte de sua individualidade e de seu encanto” (2004, p. 546).

Não é gratuito, nesse sentido, o fato de Lucrécia, ao retornar para São Geraldo após ter morado com o marido na cidade grande, não encontrar mais o mesmo encanto de outrora em suas andanças pelos lugares suburbanos de que tanto gostava e, conseqüentemente, assimilar com “sofrimento” o que presenciava em sua cidade transformada.

Apesar dessa aversão não de todo declarada à modernização do cenário urbano, e mesmo conquanto vislumbre o campo como algo positivo, ela não abre mão de sua idéia de continuar a erigir cidades. Por ocasião de uma temporada que passou em uma ilha, quando viu o milharal deu-se conta de que

...o milho no campo era sua vida mais interior. O campo se estendia silencioso; lá estava a outra vida.

Mas olhando aquelas terras onde o espírito ainda era livre, “o quê! terrenos inaproveitados nesta época!”, a mulher prática ainda pensou com teimosia: “Aqui. Aqui eu construiria uma grande cidade” (p. 162).

Lucrécia Neves, a orgulhosa construtora, Lucrécia Neves, fugitiva da construção que seu que seu olhar criou, como se deu com São Geraldo. Mas enquanto o sol se punha no horizonte do milharal, “... sobre a cidade imaginária o vento começou a soprar mais forte e a rodopiar entre as espigas, envolvendo-as em penumbra. Vai chover?” (p. 162).

Como sempre, no romance, a chuva prenuncia o fim. Seja o fim da ilusão da personagem, personificada na cidade que se moderniza aceleradamente, seja o fim de seu devaneio nesse cenário campestre.

Num momento em que Mateus estava lendo o jornal, deparou-se com a seguinte notícia:

Mas a Comissão de Urbanismo teve ultimamente a infeliz idéia de demolir o antigo edifício dos Correios e Telégrafos, idéia que faz estremecerem de indignação as pedras de nossas ruas. Inútil dizer que o povo de S. Geraldo aguarda explicações” (p. 148).

Percebe-se que, a despeito da “indignação” da população, a referida “Comissão de Urbanismo” agiu de modo autoritário e inflexível, tal como se verifica no plano da realidade. Note-se, a esse respeito, a “fúria urbanística” – expressão cunhada por Bandeira e Drummond (GOMES, 1994, p. 35) – do prefeito Pereira Passos, que, sob a égide do progresso e da modernização, promoveu o

primeiro “bota-abaixo” no Rio de Janeiro, por meio do qual se destruíram prédios históricos cariocas sem ao menos consultar a opinião da população (GOMES, 1994). Reforma urbana que, diga-se, foi problematizada pela crítica de Lima Barreto e, no outro extremo, louvada por Olavo Bilac.

Segundo Giuglio Carlo Argan, a demolição pode ser definida como a “enlutada alegoria da radical incompatibilidade do que resta da cidade com a vida da metrópole” (1992, p. 7).

Já para Mashall Berman, em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1986), a dicotomia “destruir/construir” é prerrogativa de um contexto urbano moderno que se pauta, quase sempre, por um acelerado e catastrófico crescimento.

Nesse aspecto, a demolição do “antigo edifício do Correios e Telégrafos”, no contexto narrativo de *A cidade sitiada*, para além de indiciar a “incompatibilidade” entre os pretéritos ícones da cidade e os símbolos da metrópole presente, de que nos fala Argan, bem como de se constituir no binômio de que nos fala Berman, sela o destino de São Geraldo, que, a partir do instante em que essa nova realidade urbana se configura em seu interior, extravasando seus antigos e imaginários muros, quase mais nada resta do subúrbio que outrora fora.

Ainda reportando-nos a Lewis Mumford, podemos constatar que, para o historiador norte-americano,

O subúrbio precisava de sua própria pequenez, assim como precisava do seu background rural, para realizar seu próprio tipo de perfeição semi-rural. Uma vez ultrapassado aquele limite, o subúrbio deixou de ser um refúgio da cidade e passou a fazer parte da metrópole inescapável (2004, p. 546).

É por conta dessa transformação, visivelmente processada nas páginas desse romance da ficcionista de *A hora da estrela*, que Lucrécia “Quando saía se espantava com o salto de progresso de S. Geraldo, espavoria-se no tráfego como galinha fugida de quintal. As ruas já não cheiravam a estábulo mas a arma de fogo deflagrada – aço e pólvora” (p. 194).

Mesmo tendo esperado por essas transformações, a heroína não deixa de se chocar e de, de certo modo, sentir-se por elas ofendida; talvez porque “sem saber (...) fosse S. Geraldo que a deixara pra trás” (p. 196).

Assim é que, ao enviuar-se de Mateus, a referida heroína, perplexa e aturdida em meio a um cenário urbano em que a presença das máquinas passou a preponderar, configurando um novo modo de vida, mais tecnocrata, mais agitado e que, a despeito das inovações tecnológicas – ou talvez por isso mesmo –, anulava o passado, plasmando um processo de desconstrução da memória – metaforizado na demolição do prédio dos Correios e Telégrafos –, bem como fazendo a existência dos indivíduos submergir na conformação de uma massa anônima e indiferente, decidiu, após ter recebido uma missiva da mãe, que lhe falava de um suposto futuro marido, vender o sobrado e mudar-se imediatamente para o sítio.

Nesse sentido, a ida de Lucrecia Neves para o campo se dá não apenas pelo fato de ela vislumbrar, com essa mudança, a possibilidade de um novo e promissor casamento, mas também porque lhe surge uma oportunidade de se mudar para um espaço em que poderia se realizar como sujeito, uma vez que seu antigo subúrbio, recém-configurado como uma cidade em franco processo de modernização, não mais lhe ofereceria oportunidades de ser notada, observada, admirada. A possibilidade de uma vida no campo representa para Lucrecia, portanto, uma oportunidade de ela voltar a ser alguém, no sentido de não ter sua personalidade completamente anulada, como o seria na massa anônima da cidade grande.

Essa mudança, entretanto, não se efetiva de modo que a protagonista não sinta certo pesar, já que ela, “... Séria, ardente, correu para a sala, agarrou o frio bibelô e encostou-o à face, de olhos cerrados. Então abandonaria tudo isso...? No grande rosto de cavalo a lágrima escorria. E o bibelô construído pelos seus olhos...” (p. 200).

Mas ela o abandonaria, voltando as costas à “cidade mercantil que o desmesurado orgulho de seu destino erguera, com um aterro e um viaduto, até a escarpa dos cavalos sem nome” (p. 200). Abandonaria porque, como já se mencionou, fora primeiro abandonada, ou assim o sentira. A transformação do subúrbio numa cidade, para nos valermos das palavras de Olga de Sá, “mata todos os símbolos e imagens e, com eles, os presságios e os sinais” (2000, p. 244-245).

Sem a presença dos cavalos, do cocoricar dos galos, do morro do pasto, dos olhares que a contemplavam, não existia, para a protagonista, São Geraldo, e, em decorrência, não existia ela própria em tal cenário.

Considerações finais

Interessante notar que Lucrecia Neves, mesmo que não se dê conta disso, sempre que tenta se adequar a novos contextos de vida, ou “aderir à realidade”, conforme expressão de Lispector, acaba vivendo um engano após o outro: anseia mudar-se para a cidade grande e, quando o faz, depois de casada, sente-se agredida pelo ritmo de vida frenético da metrópole, deseja o crescimento de São Geraldo e enoja-se do subúrbio quando ele se transforma em uma grande aglomeração urbana.

Considerando o fato de que ela gostava muito de ver e ser vista, cremos que lhe tenha escapado que o melhor mesmo, para ela, seria a vida do subúrbio, local onde seria alguém reconhecível por parte dos demais habitantes, já que, na cidade grande, não seria notada. Note-se que, nesse aspecto, ela parece reproduzir seu engano recorrente ao mudar-se para o sítio, local carente de pessoas e, por isso, sem muitos olhares que pudessem contemplá-la.

Desse modo, embora em seu íntimo sempre tenha havido um certo gosto por estar em locais mais bucólicos, menos povoados, ao ir para o campo a protagonista parece reproduzir, mais uma vez, uma atitude que a conduziria a outro logro. Nesse aspecto, parece que a mulher que não se realizou, de modo pleno, nem no subúrbio e nem na cidade, tampouco no campo seria feliz. Isso porque, em A

cidade sitiada, o único local em que o indivíduo pode realmente se realizar, ainda que de modo parcial, é nos limites do universo de sua própria ilusão, onde nunca alcança um estado de graça e felicidade, ainda que passageiro.

Referências

- ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. F. R. Kothe. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. C. F. Moisés e A. M. L. Ioratti. 2. ed.
- CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. Trad. D. Mainard. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FRANCO JUNIOR, A. **Mau gosto e Kitsch em Clarice Lispector e Dalton Trevisan**. Universidade de São Paulo, 2000. (Tese de doutoramento). UNICAMP – Campinas.
- GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GOTLIB, N. B. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1997.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Trad. S. Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LISPECTOR, C. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **O lustre**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MILLIET, S. “Clarice Lispector”. In: **Diário crítico**. 2. ed. São Paulo: Martins/Edusp, 1981. vol. 7, p. 33-34.
- MUMFORD, L. **A cidade na história**. Trad. N. R. da Silva. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NUNES, B. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- PONTIERI, R. L. **Clarice Lispector: uma poética do olhar**. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

ROLNIK, R. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SÁ, O. **A escritura de Clarice Lispector**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. São Paulo: Annablume, 1993.

SIMMEL, G. A grande cidade e a vida do espírito. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. São Paulo: Zahar, 1979.

WIRTH, L. O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otávio G. (org.) **O Fenômeno urbano**. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.